

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

**ESTUDOS DE PEDAGOGIA: AS ARTES FUNDAM PROCESSOS DE  
LETRAMENTO DAS CRIANÇAS?**

MARIANA FISCHER

Porto Alegre

1º Semestre 2015

Mariana Fischer

**ESTUDOS DE PEDAGOGIA: AS ARTES FUNDAM PROCESSOS DE  
LETRAMENTO DAS CRIANÇAS?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora Professora Daniele Noal Gai

Porto Alegre, julho de 2015.

## AGRADEÇO

*... à minha orientadora querida, professora Dani Noal, pelo seu apoio na elaboração desse trabalho, que esteve sempre à disposição quando precisei.*

*... à minha mãe, pelo amor e carinho nos momentos difíceis, pelo companheirismo de estudos na madrugada e nas manhãs do final de semana.*

*... à minha irmã por me “aturar” nos meus dias de angústia e estresse.*

*... à minha afilhada Gabrielly por me proporcionar bons momentos com suas primeiras palavras.*

*... aos professores que tive ao longo da faculdade que despertaram ainda mais em mim a vontade de ser professora.*

*... principalmente a deus, por ter trilhado meu caminho, um caminho com muita fé, e não ter deixado eu desistir dos meus sonhos.*

## RESUMO

O estudo para a produção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi realizado no último semestre do Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e mostra algumas hipóteses de como pode se dar o letramento nas/das crianças a partir das artes. Buscou-se conversar com as professoras-artistas que atuam no espaço investigado, também contou-se com informações coletadas em ambientes virtuais (Site, Facebook, Google) que comportam materiais acerca do espaço escolar investigado, como também realizou-se observação no espaço cultural Azul Anil. Do ponto de vista metodológico realizou-se uma pesquisa qualitativa, pesquisei sobre o assunto em livros, e fiz observações em aulas em escola formal onde as artes estão presente. Para apresentar a pesquisa em escritura organizou-se categorias de análises: espaço também fala; é dança; é arte, é aprendizado; é conversando que a gente se entende; vamos jogar; planejar é importante. As intervenções junto aos materiais coletados responderam a uma necessidade pedagógica, a vontade de entender e de fomentar a ideia de que as artes animam e influenciam o processo de letramento das crianças. Necessidade essa de buscar dispositivos pedagógicos que, para além da escola comum, produzem aprendizagens e letramento nas/das crianças. Necessidade de mostrar que a escola comum pode se organizar como atelier de artes, letramentos e aprendizagens. Para o estudo citou-se Hernandez (2007), Barbosa (2014), Cunha (2012), Gai (2013), entre outros intercessores teórico-metodológicos mobilizadores de arte e educação na contemporaneidade.

Palavras chave: letramentos; artes; criança; espaço não escolar.

## **Lista de Figuras**

Figura 1: Entrada da Azul Anil.....	19
Figura 2 e 3: Aula de pintura e aula de dança.....	20
Figura 4 e 5: Criança brincando e aula de dança.....	21
Figura 6: Dança Circense.....	23
Figura 7: Aula de dança circense.....	24
Figura 8: Desenho realizado em aula de Artes.....	25
Figura 9: Desenhando rastejando em aula de Artes.....	26
Figura 10 e 11: Enfeites da Azul Anil.....	26
Figura 12: Dança Circense.....	28
Figura 13: Aula de dança circense.....	28
Figura 14: Aula de dança circense.....	29

## SUMÁRIO

1. Apresentando o tema: as artes influenciam o processo de letramento das crianças? .....	7
2. Categorias conceituais: o letramento e as artes na educação das crianças.....	12
2.1. Letramento e Alfabetização.....	12
2.2. Alfabetismo visual.....	15
2.3. Letramento Audiovisual.....	15
2.4. Todas as formas de artes e letramentos.....	17
3. Uma pesquisa qualitativa: conversas com as artes e as leituras de mundo.....	19
4. Um espaço não escolar: o Azul Anil.....	20
5. Considerações.....	32
6. Referências bibliográficas.....	34
7. Apêndice.....	36

## 1. Apresentando o tema: as artes influenciam o processo de letramento das crianças?

Este trabalho de conclusão de curso (TCC) constituiu-se em uma pesquisa qualitativa, com proposição experimental, com observações e estudos sobre as artes e o letramento das crianças. A pesquisa foi realizada no último semestre do Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e traz a minha necessidade de investigação sobre os processos de letramento, as possibilidades de exploração e aprendizagem que instauram das artes. Durante a graduação estudou-se sobre letramento e alfabetismo com dedicação maior a leitura e escrita, com preocupação, sobretudo, na construção da representação e expressão da criança a partir da escrita. E este trabalho traz as hipóteses sobre letramento com artes, fazendo uso das artes, como também traz as curiosidades de um estudo em pedagogia. Este trabalho se propôs a fazer um estudo de pedagogia que conversa com as artes.

Acredito que a docência pode ainda aprender muito com os artistas e as artistas, com a arte contemporânea, com a vontade de criação impulsionada pela arte. Podemos aprender mais sobre a infância, sobre o mundo, sobre nós mesmas como docentes. Não poderia, afinal, a docência ser uma obra de arte? Não poderíamos aprender com a arte essa vontade de sermos artistas de nossa própria existência, "poetas-autores de nossas vidas", como queria Nietzsche? Ou ainda continuar indagando com Michel Foucault: por que afinal a arte é algo apenas para especialistas? Não poderia a própria vida ser uma obra de arte? Daí a importância de que cursos de formação docente privilegiem a formação estética e artística das futuras docentes. No entanto, a dimensão estética dessa formação, é preciso dizer, não se pode restringir a disciplinas ou cursos que passem panoramicamente por técnicas e atividades artísticas. É preciso alimentar esteticamente as futuras docentes com um mergulho em experiências que as desloquem, que as perturbem, que subvertam esse modo linear e contínuo de compreender a arte e a infância. Talvez, pela arte, possamos descobrir um pouco mais dessa infância como *acontecimento*, da infância como legítima experiência humana. (LOPONTE, 2008, p.9-10).

Percursos como esses ditos por Rangel (2008) quero produzir na docência, especialmente no que se refere aos mergulhos em experiências, em estudos que produzam desconforto. Os principais referenciais teóricos usados neste trabalho são: Fernando Hernandez e Susana Cunha quando se referem à cultura visual; para definir letramento citarei Angela Kleiman e Magda Soares; também utilizarei textos de Maria Carmen Barbosa para apresentar a alfabetização audiovisual; Daniele Noal Gai acrescenta ao texto a fotografia e o cinema na produção de leituras e experiências de aprendizagem com alunos com deficiência. Antecipadamente alerto o leitor que se trata de um processo inicial de pesquisa acerca das artes, de uma Investigação Baseada nas Artes (IBA).

Destaco a relevância do uso de um conjunto de ferramentas utilizadas durante o semestre de estudos para a produção deste TCC, que ampliaram meu espectro de experiências no curso de Pedagogia. Foram realizadas as observações, as anotações, as conversas e as fotografias em um espaço não escolar, no *Espaço de Arte Azul Anil*<sup>1</sup>, que tem sede em Porto Alegre/RS. Um espaço não escolar, em que as produções são organizadas em ateliers de artes, que prevê a construção de expressões artísticas por parte da criança. O interesse por este espaço, então, se ampliou com o contato com as diferentes produções em artes das crianças e realizada com as crianças. Pergunto: como usufruir de espaços abertos, artisticamente pensados e organizados, com professores com formação e experiência em artes e pedagogia, na educação das crianças?

Escolhi, então, observar um espaço não escolar, pois em escola formal fica nítido que se quer ensinar, cumprir com tarefas, e as crianças ficam limitadas, muitas vezes não expondo seus desejos. Os conteúdos que a professora sugere nem sempre expandem o desejo, a curiosidade, as perguntas e a exploração das crianças. Na escola comum há a preocupação com o cumprimento de tarefas propostas pelo professor, como se desde muito pequenas as crianças precisassem cumprir com metas. Primeira meta é a letra A, depois a cor Marrom e, enfim, são feitos cortes na experiência máxima da aprendizagem, a meta passa a ser um símbolo, algo isolado, sem qualquer relação com o contexto. Claro que entendo quanto as crianças são competentes para entender os fragmentos de cenas, as partes pequenas de desenhos, de palavras, mas algumas delas acabam sofrendo e desistindo da aprendizagem por não compreender, por exemplo, como um “au au” vira um “cachorro” de uma aula para a outra.

Ao longo do curso e dos meus estágios não obrigatórios em escola comum fui percebendo que desde cedo as crianças se interessam pelo mundo da leitura e da escrita, notei as maneiras em que se oportuniza o letramento na vida das crianças, momento em que a criança está entrando no mundo letrado. Surgiram nesses estágios muitos questionamentos a respeito da maneira com que a alfabetização está sendo inserida na educação infantil, muitas vezes ultrapassa o limite do desejo da criança, é feita com certa insistência do professor com a mesma tarefa, a mesma letras trabalhada isoladamente, os sons descontextualizados, a grafia da letra sem a produção do conceito ou compreensão da correspondência objeto e palavra, enfim, um trabalho que parece não ter sentido. A exigência, sempre muito distante da idade dos alunos, e superior à compreensão deles acerca do que lhes é exigido aprender, deixa-me preocupada.

---

<sup>1</sup> Utilizo-me e referencio neste estudo os informativos, as imagens, os materiais de divulgação do Espaço de Arte Azul Anil que estão disponíveis na Web, como também tive o consentimento das professoras-artistas proprietárias da escola para a realização da pesquisa.

Nos diferentes espaços escolares comuns que estive durante a graduação percebi que os professores de educação infantil utilizam técnicas de ensino comuns, como também de recursos repetitivos, maçantes, desbotados, xerocados, sem se preocupar com o entusiasmo e o interesse dos alunos. Mesmo o material mais simples da escola, com diversos usos, com exploração máxima da criatividade e experimentação, pode proporcionar letramento e alfabetização, afinal, o que pode um giz colorido e uma calçada inteira para grafar, grafitar, grifar, garatujar?

Sempre interessei-me pelo letramento e como ele rodeia a aprendizagem e é tão importante se mobilizado desde a infância, assim, conversando com minha orientadora, surgiu a ideia de pesquisar uma escola onde se disponibiliza artes às crianças, onde por meio da arte a criança pode elaborar diferentes registros para suas ideias, significância, sentidos, invenções. Arrisco dizer que com as artes as crianças podem explorar tanto o seu pensamento, o seu corpo, as suas múltiplas formas de expressarem-se, que saem do senso comum correndo.

Fui a um espaço não escolar para também perceber como o letramento pode acontecer nas crianças, não só na sala de aula comum, e que aprendizado pode se dar em outros lugares para além da escola organizada por turmas, séries, etapas, níveis, gêneros, etc. Encontrei uma organização bastante interessante no *Espaço Cultural Azul Anil*, onde ocorrem aulas, oficinas, dinâmicas de criação com artes não apenas com crianças. Porém, tive como problema de investigação a seguinte pergunta: de que modo as artes apresentadas às crianças em contexto não escolar podem contribuir no processo de letramento? E como promover experiências de letramento a partir das artes para as crianças das escolas comuns?

Logo ao começar a pesquisa sobre o *Espaço de Arte Azul Anil* percebi que não é um espaço de recreação, embora também possa ser, que é um espaço composto por professores graduados em artes, em licenciaturas, em educação, que é um local com muita exploração das experiências artísticas. Através da arte a *Azul Anil* tem muito a oferecer ao público de adultos que lá vai para fazer aulas de tecido, yoga, dança queer, entre outras aulas. Também acontecem no espaço de arte a formação de coletivos, de grupos, de turmas, de um modo muito singular de agrupar, uma vez que lá é possível fazer uma diversidade de contatos e aulas. Diferentemente das escolas comuns aquele espaço é entre-diferenças, entre-portas, entre-corredores, acontece na mistura e no encontro. É um espaço acolhedor e potente em sua proposta, na força mais forte dos dois termos.

É um trabalho árduo porque requer adequação e recriação constante por parte dos(as) pesquisadores/as. O que é significativo em palavras, frases, expressões,

olhares, gestos, silêncios, risos, murmúrios, correrias, empurrões, toques, carinhos, afagos, cheiros, barulhos, deslocamentos, agrupamentos, isolamentos? Como podemos compreender as crianças e depois narrá-las para que outros/as estudiosos/as possam usufruir nossas investigações? Investigação junto a crianças significa realizar um trabalho de criptografia, onde há a necessidade de *dedecifrar* e não interpretarmos aquilo que vai além das evidências explícitas. Procuramos - isso não quer dizer que seja sempre possível - nos descolarmos desta posição de "falar por elas" e entender que a pesquisa com crianças requer outros (re)posicionamentos por parte dos/as pesquisadores/as, tendo em vista que há uma imensa distância entre o que supomos saber sobre as crianças e o que elas pensam, dizem e expressam sobre suas relações com o mundo em suas múltiplas linguagens. (RANGEL, 2015, p. 20).

Aproveito para apresentar ao leitor a estrutura do trabalho que passarei a dividir em capítulos. A fim de fazer a categorização dos temas que estudei neste semestre de pesquisa, os dividirei em capítulos, porém, compreendo que podem, em diferentes pontos, se justaporem, se misturarem ou serem complementares uns aos outros. Não pretendi categorizar os enunciados encontrados na pesquisa a fim de reinterpretá-los, mas elegi alguns grandes temas para discorrer e fundamentar, investiguei diferentes materiais e quero mostrar ao leitor como organizei.

A estrutura do trabalho está dividida em cinco capítulos. No primeiro capítulo relato um pouco sobre o tema, a minha justificativa e o contexto da pesquisa. No segundo capítulo, que está dividido em três subitens, mostro meu estudo acerca dos conceitos de Letramento, Alfabetização, Cultura Visual e Audiovisual e também os possíveis letramentos com as artes e as crianças. No terceiro capítulo descrevo a metodologia da pesquisa, a Investigação Baseada nas Artes. O quarto capítulo apresenta as observações que realizei na *Azul Anil* e junto trago as categorias que criei para mostrar as observações, algumas hipóteses e as análises do material encontrado acerca de letramento, arte e infância.

No quinto capítulo estão as minhas considerações finais a partir de um trabalho importante para meu percurso de formação, falo um pouco de uma pedagogia que sai do senso comum da escola comum e vai mais além, em lugares que não nos damos conta do potencial. Falo das potencialidades do letramento com as artes, quanto o professor pode explorá-lo na educação de uma criança, de quanto experiencial e divertido pode ser. E posso dizer que, sim, ocorre em meio a exploração das artes, de modo justaposto o aprendizado e o letramento! Exponho também minhas considerações e conclusões a respeito das pesquisas teóricas, metodológicas e observações realizadas. Trago um pouco da minha experiência em escolas como suporte para o que acredito que possa ser o letramento baseado nas artes. Assumo o grande

interesse que tenho em colocar na vida das crianças a alegria da curiosidade, a alegria da descoberta, a alegria da exploração, a alegria do registro criativo de suas impressões, um aprendizado mais lúdico.

## 2. Categorias conceituais: o letramento e as artes na educação das crianças

### 2.1. Letramento e Alfabetização

Nestes subcapítulos será apresentado o tema deste estudo com base nos teóricos que já realizaram pesquisas sobre o letramento e alfabetização, o letramento visual, a alfabetização audiovisual e artes na infância. Optei por usar o termo letramento, pois acredito ser um conhecimento mais amplo, que não se fixa na letra somente, ou na formação de palavras, mas, sim, em um processo todo de compreensão e expressão das crianças.

é em meados dos anos de 1980 que se dá, simultaneamente, a invenção do letramento no Brasil, do illetrisme, na França, da literacia, em Portugal, para nomear fenômenos distintos daquele denominado alfabetização, alphabétisation. Nos Estados Unidos e na Inglaterra, embora a palavra literacy já estivesse dicionarizada desde o final do século XIX, foi também nos anos de 1980 que o fenômeno que ela nomeia, distinto daquele que em língua inglesa se conhece como reading instruction, beginning literacy tornou-se foco de atenção e de discussão nas áreas da educação e da linguagem, o que se evidencia no grande número de artigos e livros voltados para o tema, publicados, a partir desse momento, nesses países, e se operacionalizou nos vários programas, neles desenvolvidos, de avaliação do nível de competências de leitura e de escrita da população. (SOARES, 2003, p. 03).

Compreendi com este estudo que letramento não é alfabetizar utilizando o alfabeto simplesmente, as letras em si, nem a formação de palavras colocadas num papel. Não é a simples relação entre palavra, som e expressão da letra. Também não é a escrita em si, o som em si, a letra sozinha. Pode ser a expressão e a interpretação do modo mais amplo e complexo da vida, das leituras das coisas, da impressão sobre o cotidiano, da construção de argumentos para lidar com notícias, do diálogo aberto e informativo, dos saberes de experiência, das competências, dos movimentos, das descobertas, das danças, das trocas, das partilhas com pares.

em síntese, o que se propõe é, em primeiro lugar, a necessidade de reconhecimento da especificidade da alfabetização, entendida como processo de aquisição e apropriação do sistema da escrita, alfabético e ortográfico; em segundo lugar, e como decorrência, a importância de que a alfabetização se desenvolva num contexto de letramento – entendido este, no que se refere à etapa inicial da aprendizagem da escrita, como a participação em eventos variados de leitura e de escrita, e o conseqüente desenvolvimento de habilidades de uso da leitura e da escrita nas práticas sociais que envolvem a língua escrita, e de atitudes positivas em relação a essas práticas; em terceiro lugar, o reconhecimento de que tanto a alfabetização quanto o letramento têm diferentes dimensões, ou facetas, a natureza de cada uma delas demanda uma metodologia diferente, de modo que a aprendizagem inicial da língua escrita exige múltiplas metodologias, algumas caracterizadas por ensino direto, explícito e sistemático – particularmente a alfabetização, em suas diferentes

facetas – outras caracterizadas por ensino incidental, indireto e subordinado a possibilidades e motivações das crianças; em quarto lugar, a necessidade de rever e reformular a formação dos professores das séries iniciais do ensino fundamental, de modo a torná-los capazes de enfrentar o grave e reiterado fracasso escolar na aprendizagem inicial da língua escrita nas escolas brasileiras. (SOARES, 2003, p. 12).

Entendo as questões apresentadas sobre letramento por Soares (2003), porém, pergunto-me porque a escola comum centra-se na palavra escrita isolada, sem contexto, sem figura, no papel pequeno, no caderninho com linhas, no quadro do professor e no livro infantil de coleções baratas? Não que isso tudo não produza impressões e letramento nas crianças, mas, entendo que possa se dar conjuntamente a tantas outras experiências que a criança é exposta na escola de modo mais aberto, lúdico e criativo.

Como esclarecer um pouco o que essas duas palavras, letramento e alfabetização, querem dizer, como são exploradas nas escolas que passei em meus estágios, e mais, o que penso sobre os seus possíveis significados? Existem muitas diferenças entre letramento e alfabetização, e ao mesmo tempo se completam, porém, não podem ser simplificados ou ignorados por quem mobiliza tais competências ou possibilidades na educação das crianças. Sério compromisso é o do professor de crianças, o letramento e a alfabetização, porém, mais sério pode ser as dificuldades criadas nesse processo e que podem impedir a criança de aprender e se escolarizar com a potência de seu corpo.

Utilizo o conceito de letramento por ser mais amplo, acreditando que essa prática possa estar em vários momentos na vida de uma criança. “A palavra letramento não está ainda dicionarizada. Pela complexidade e variação dos tipos de estudos que se enquadram nesse domínio, podemos perceber a complexidade do conceito”. (KLEIMAN, 1995, p.17). Percebo a prática de letramento como algo que vai além do ensinar a ler e escrever, o que já é alfabetização, uma palavra mais familiar para todos os professores de crianças. “O termo alfabetização não ultrapassa o significado de “levar à aquisição do alfabeto”, ou seja, ensinar o código da língua escrita, ensinar as habilidades de ler e escrever”. (SOARES, 2014, p.15).

Lembro que a oralidade está presente na vida da criança desde o nascimento, ainda não está explicitamente dito que a oralidade é uma forma de letramento, mas, a criança aprende a falar conversando, sendo submetida a diálogos, fazendo repetições, cantando, imitando, brincando com os sons que ela é capaz de produzir. Ela começa a aprender as funções e os usos da escrita neste mesmo processo de exploração de suas potencialidades de expressão, podendo se tornar

uma leitora e produtora de textos ainda não alfabetizada, dando-se com isso o letramento. Esses momentos de fala e troca são bem importantes, principalmente para aquelas crianças não alfabetizadas. Na conversa a criança aprende, é um meio de informação bem importante tanto quanto os livros e outras fontes de aprendizados.

Sempre gostei de contar histórias para os alunos, e também proporciono momentos para que eles peguem livros, mesmo que só para olhar as imagens, folhear, mostrar aos colegas, explorar individualmente. Os livros chamam atenção das crianças, mais ainda daqueles que estão quase se alfabetizando. Já observei que algumas crianças gravam o texto só pela imagem e contam a história fabulando, fingindo, inventando. Elas estão lendo enquanto estão passando o dedo pelo texto, contando para os demais, mostrando aos bonecos, lendo para a professora. Há a complexa formação das ideias, das opiniões, das interpretações das cenas, das imagens, das expressões dos personagens, já que a criança consegue compreender e explicar de seu modo a história.

A criança que ainda não se alfabetizou, mas já folheia livros, finge lê-los, brinca de escrever, ouve histórias que lhe são lidas, esta rodeada de material escrito e percebe seu uso e função, essa criança é ainda “analfabeta”, porque não aprendeu a ler e a escrever, mas já penetrou no mundo do letramento, já é, de certa forma, letrada. (SOARES, 2003, p. 24).

O letramento não fica restrito apenas em um lugar específico e fixo de aprendizado, existe a possibilidade de se letrar em vários momentos, de muitas maneiras e em diferentes lugares, em pontos de cultura e de arte, em saraus criados dentro da escola, em oficinas de contação de histórias, entre tantos outros. Pode-se promover o letramento e alfabetização com formas diferenciadas de aula, experimentar, perceber, explorar os acontecimentos, ir a outros ambientes, passear em outros espaços, fazer contato com outras pessoas, com arquiteturas, com distâncias, com novos contextos. Nos estágios que desenvolvi ao longo da graduação percebi o esforço dos professores em alfabetizar, mas nem tanto em letrar.

O conceito e a palavra letramento são conhecidos recentes dos professores de crianças, pois ainda está em estudo e há muitas propostas para a compreensão, como para o uso do conceito na educação. A proposição, conforme Soares (2002, p. 156), é do “uso do plural - letramentos - para enfatizar a ideia de que diferentes tecnologias de escrita geram diferentes estados ou condições naqueles que fazem uso dessas em suas práticas de leitura e de escrita. Diferentes espaços e mecanismos de produção, reprodução e difusão da escrita resultam em diferentes letramentos”.

## 2.2. Letramento Visual

Um conceito novo para mim e que tem ligação com a minha pesquisa é o de letramento visual, pois ao pesquisar um espaço de arte com múltiplas aprendizagens como a *Azul Anil*, encontrei imagens que diziam muito sobre o lugar e que traziam motivação para as crianças naquele momento de aprendizado e diversão.

O letrado visual olha uma imagem cuidadosamente e tenta perceber as intenções da mesma, criando hipóteses, tendo sensações, produzindo múltiplas interpretações sobre o visto. O letramento visual permite que a criança reúna as informações e ideias contidas em um espaço imagético colocando-as no seu contexto, determinando se são válidas ou não para a construção do seu significado.

E no caso da fotografia, ela está posta na cultura visual, no letramento visual? Para entender um pouco mais da imagem como recurso e meio para movimentar a aprendizagem nas aulas para crianças:

Afirma-se a fotografia na educação como forma de aprendizagem, ensinagem, bricolagem, disjunção, compartilhamento e inclusão. O retrato escolar pode dar corpo às imagens-istantes capturadas por alunos em aula. A foto traz a conversação e a fabulação consigo, e para os espaços escolares. A foto transfigura o que é vívido na educação. A foto mostra capacidades e dignidades daqueles postos a fotografar. A foto tenciona as habilidades de ver, de compreender, de analisar, de pesquisar, de raciocínio, de afeto, de inteligência. A fotografia vem, na contemporaneidade, como disciplina potente para a escrita de vidas escolares. Propõe-se a fotografia na escola, invariavelmente, por uma educação em meio à vida e à contemporaneidade. (GAI, 2013, p. 78).

## 2.3. Letramento Audiovisual

Apresentarei neste subcapítulo um pouco do projeto de alfabetização audiovisual, com uso do audiovisual e do cinema, que está sendo implantado em escolas municipais da rede de ensino de Porto Alegre/RS. Ao fazer pesquisas em livros sobre o tema descobri que professores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em parceria com a Secretaria de Cultura e de Educação, elaboraram um programa de alfabetização audiovisual que existe desde 2008 e é uma influencia a educação. O envolvimento das escolas municipais no projeto marca uma indicação da política nacional que indica a necessidade de inclusão curricular de cinema, utilização e produção de audiovisual nas aulas e na vida escolar dos alunos. Trata-se da Lei nº 13.006, sancionada pela presidente Dilma Rousseff, que torna a exibição de filmes e audiovisuais de produção nacional obrigatória nas escolas de ensino básico por, no mínimo, duas horas mensais. “A exibição de filmes nacionais constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola”, conforme diz a Lei.

Acho interessante que as novas ferramentas, outras maneiras de ensinar na contemporaneidade, estejam presentes, não só em espaços não escolares, mas, também, na escola comum, na escola pública, um lugar em que as crianças passam grande parte de seu tempo. As crianças precisam ser expostas a experimentações e aprendizagens que lhes faça ampliar as possibilidades de comunicação e interpretação sobre as coisas do mundo. Podem, com o cinema, sair da percepção individual, sair da convivência centrada no professor e no aluno, mostrando outros fragmentos de histórias, de escolas.

Se a leitura e a escrita da palavra modificaram a forma como os seres humanos percebem, interagem, comunicam-se e organizam, suas instituições, da mesma maneira a linguagem das imagens, especialmente a da imagem em movimento, remodela as estruturas e as experiências de pensamento das crianças e dos jovens e, portanto, indica outros caminhos para a educação. (BARBOSA, 2014, p.252).

A tecnologia está presente na vida das crianças, o interesse por recursos com montagens entre imagem e movimento vem aumentando por parte da escola e dos professores também. Surgem cada vez mais filmes nacionais, filmes dedicados ao público infantil, além das montagens de audiovisuais caseiras, bem como a produção de vídeos em celulares.

O audiovisual pode ser incluído pelo professor em seus projetos de trabalho ou de seus objetivos junto aos alunos, o que pode melhorar o desempenho e a motivação dentro da sala de aula. Os aparelhos de captura de imagens com som e movimento, são inúmeros, vão desde o celular, os androides, os tablets, entre outras mídias digitais, e que estão presentes na vida das crianças, das famílias e dos professores. “Vivemos imersos em imagens, sons e telas. Algumas crianças já chegam a este mundo operando aparelhos que utilizam tecnologia audiovisual de última geração”. (BARBOSA, 2014, p.248)

Percebo que o cinema ainda não é visto como “disparador de pensamento e aprendizagem” (GAI, 2014), também não percebo movimentos por parte dos educadores em assumi-lo em sua prática pedagógica. Talvez isso se deva ao fato do professor não perceber outras formas possíveis de ensino para as crianças e de aprendizado na escola. A possibilidade de retirar do audiovisual as aulas, os projetos de aula, isso é importante para o professor na contemporaneidade. A indústria cultural figura, hoje, como um dos mais lucrativos setores de criação e produção, o que fez com que aumentasse a circulação, o acesso e a possibilidade de consumo de cinema e outras artes.

São inúmeros os projetos para implantação do cinema em espaços escolares. Nos últimos anos, Fantin (2014, p.49) conta, que “propiciaram a estudantes e professores um calendário de

eventos cinematográficos educativos com exibição de filmes em salas de cinema e em escolas”. No entanto, existem muitas dúvidas sobre o cinema na educação, principalmente por parte dos professores que julgam não ter conhecimentos de técnicas, de artes, de informações sobre os filmes e modos de como abordar esse assunto com seus alunos. Os professores sabem pouco ou estão experimentando formas de como fazer as aulas com o uso de recurso audiovisual, com recurso fílmico, com recurso cinematográfico. O cinema, como meio cultural, não é visto como dispositivo, meio e forma para o ensino por parte de alguns professores. Várias são as hipóteses, talvez pelos professores serem tradicionais em seus métodos de ensino, e para a transmissão de outro meio cultural para seus alunos, acredito, que os professores precisariam apreciar as artes, o cinema, e, assim, obter confiança de que aquilo realmente vai fazer sentido se inserido no ambiente escolar.

#### **2.4. Todas as formas de artes e letramentos**

E o que podemos denominar de arte? Chamar qual tipo de arte de obra de arte? Será que podemos definir artes? E como é feita a arte na escola? As artes rodeiam a infância em todos os sentidos, ela está na escola, nas aulas extracurriculares, nas aulas de música, nas aulas de teatro, nas aulas de artes visuais, nas aulas de desenho, nas aulas de fotografia, nos atelier de artes. Em vários momentos da vida da criança há experimentação e criação, há exploração do corpo e expressão artística, até mesmo na pracinha em que vai para brincar.

Neste trabalho falo das artes e não somente aquela que vimos em museus, nas obras de arte de pintores famosos. Exploro aqui a arte que pode ser expressa naqueles desenhos de criança, nos trabalhos com pincel e tinta que fazemos na escola, nas releituras de obras de arte, de cópias de gravuras, de montagem com músicas e dança. Quero mostrar que o cinema, a música, a dança, entre outras artes, são meios culturais ricos para mostrar às crianças diferentes matérias, informações, cores, sensações, sentidos, lugares, artistas, personagens, conteúdos. Com isso, talvez, se possa mobilizar as crianças, de modo prazeroso, a se deparar com diversas situações da vida, porém, enfrentando-as de modo mais leve, artístico e intuitivo.

A educação das artes é uma atividade de aprendizagem sustentável e sistemática centrada nas habilidades, maneiras de pensar e apresentar cada uma das formas artísticas, dança, artes visuais, música, teatro - que produzem um impacto em termos de melhorar as atitudes em relação à escolas e à aprendizagem, que fomenta a identidade cultural e o sentido de satisfação pessoal e de sentir-se bem. A educação pelas artes utiliza pedagogias criativas e artísticas para ensinar todo o currículo, fomenta a

melhora acadêmica, reduz o abandono escolar e promove transferência positiva. (HERNÁNDEZ, 2007, p. 42).

Com este estudo de pedagogia pude perceber que a arte é muito mais do que uma disciplina escolar e muito mais que um “trabalhinho de pintura”. Com ela podemos, na pedagogia, ir em busca de outros meios que potencializem aprendizagens. Nascemos em um mundo onde as letras nos rodeiam, a escrita faz parte da nossa vida, então porque não levar outras formas de ensino aos nossos alunos, para vivenciarem experiências novas, que tragam algo culturalmente e artisticamente mais significativa?

Vivemos e trabalhamos em um mundo visivelmente complexo, portanto, devemos ser complexos na hora de utilizar todas as formas de comunicação, não apenas a palavra escrita. Se não se ensina aos estudantes a linguagem do som e das imagens, não deveriam ser eles considerados analfabetos da mesma maneira como se sáíssem da universidade sem saber ler ou escrever? Devemos aceitar o fato de que aprender como se comunicar com os gráficos, música, cinema é tão importante como comunicar-se com palavras. Compreender suas regras é tão importante como fazer com que uma frase funcione. Estou falando sobre aprender a gramática, mas também sobre aprender como expressar-se. (HERNÁNDEZ, 2007, p. 24).

O que percebi, em meus estágios durante o curso de pedagogia, e em meu percurso profissional em escola de educação infantil, foi educadores fazendo interferências para além do necessário nas atividades das crianças. Os alunos teriam plenas condições e deveriam usar a imaginação para elaborar o desenho, selecionar as cores a serem utilizadas para colorir seu trabalho, no entanto, são induzidas negativamente em suas criações. Os professores, certamente, com intenções que creem pedagógicas, informam como deve ser realizada a pintura, escolhem o melhor modo de realização da tarefa e corrigem até que fique do modo como julgam o mais bonito ou o mais correto. Conforme Cunha (2012, p.16):

As crianças, desde muito cedo, incorporam os estereótipos e deixam de construir sua própria linguagem, passando a reproduzir e a consumir imagens estereotipadas e impostas pelos adultos. Muitos professores acabam limitando o uso da criatividade em seus alunos, que acabam por utilizar sempre o mesmo padrão para não ser contrariado pelo seu educador, e nem “xingado” perante seus colegas.

### **3. Uma Pesquisa Qualitativa: conversas com as artes e as leituras de mundo**

A metodologia que utilizei nesse trabalho foi de cunho qualitativo, fiz uma investigação em um espaço não escolar onde a arte é o meio de letramento e aprendizado, além de procurar referenciais das artes que tratam do tema letramento e alfabetização. Nos diferentes estudos que fiz para escrever este trabalho de conclusão de curso pude encontrar pesquisas importantes de artistas-professores e de pesquisadores-artistas, estudos estes que colaboraram para a construção da pesquisa. Este estudo é de pedagogia, porém com atenção e apoio das artes, de uma investigação baseada nas artes, que olha como material de análise como também de interferência e fruição as artes. Não sou artista, porém, envolvo-me com a facilitação de encontros de meus alunos com a expressão, a contação de histórias, a leitura de imagens, a releituras de obras de arte, o cinema e a fotografia.

A investigação baseada nas artes (IBA) ou arts based research (ABR) é de abordagem qualitativa e surgiu como forma de questionar os tipos de pesquisas tradicionais, consideradas por muito tempo como os únicos tipos de pesquisa aceitáveis na academia, que não conseguem dar conta das inúmeras experiências que surgem durante o desenvolvimento das mesmas. Para contemplar tais fenômenos, e seguir produzindo possibilidades à pesquisa em educação, a IBA se utiliza de procedimentos artísticos literários, visuais, performativos e musicais, visando contemplar a complexidade das experiências surgidas nas narrativas das pesquisas. Os questionamentos surgidos na pesquisa baseada nas artes pretendem estimular a imaginação, preencher espaços vazios que se tramam nas vivências narradas, com significados pessoais, desvelando assim a complexidade que essas experiências apresentam, visando aproximações, tanto do pesquisador com os colaboradores quanto do leitor com a pesquisa, numa perspectiva polifônica, em que não há privilegiados. (GUARESCHI, 2015, p. 11).

#### 4. Um espaço não escolar: o Azul Anil



(Fotografia do acervo Azul Anil - <http://www.azulanil.org/>)

Fig. 1: Entrada da Azul Anil

Procurei um lugar para desenvolver a minha pesquisa que, primeiro, não fosse a escola que já passo as tardes como professora de educação infantil, segundo, que não fosse um ambiente escolar comum em que já havia realizado algum de meus estágios. Foi quando em um momento de orientação tive como sugestão ir até o *Espaço de Arte Azul Anil*, onde realmente encontrei arte em cada detalhe e praticamente nada parecia com a escola comum. Primeiramente me aprofundi teoricamente do que seria pesquisado no local, sobre o local, sobre letramento e arte com crianças.

Como parte da minha preparação para a visita ao *Azul Anil* pude ter uma conversa com a professora Fernanda, que dá aula de artes circense no espaço, e ela contou um pouco da história e do funcionamento do local. Também conversamos sobre como acontecem as suas aulas, como se aproxima dos alunos, quais os vínculos necessários para um início de trabalho com arte circense, uma vez que exige atenção, repetição, desejo e cumplicidade entre professor, alunos e entre o grupo também. A professora Fernanda contou sobre ter se tornado uma sócia do *Azul Anil* há pouco e que tem outros vínculos de trabalho, inclusive em escola comum. Segundo ela, na escola comum é feito um corte entre uma aula, ou entre uma disciplina e outra, as crianças chegam para a sua aula com pressa, correndo, conversando, um tanto agitadas, e com isso são necessários contratos do tipo: “eu falo baixinho né?” – modo que ela encontrou para que os alunos também falem num tom mais baixo e prestem atenção em suas solicitações e ouçam uns aos outros.



(Fotografia do acervo Azul Anil - <http://www.azulanil.org/>)

Fig. 2 e 3: Aula de pintura e aula de dança

Depois fui ao campo de pesquisa, onde realizei uma observação da aula de dança circense da professora Fernanda. Fui com um olhar diferenciado para compreender como aqueles movimentos podiam levar as crianças à aprendizagem, a exploração do corpo, ao letramento. Perguntei-me se é possível ser letrado mesmo que sem uso de lápis e papel? Os movimentos e a dedicação deles era admirável. Havia naquela aula competências de percepção, força, lateralidade, movimento, afeto, interpretação, conversa, muito mais intensas do que em uma aula de contação de histórias, por exemplo. Era uma turma pequena com no máximo 6 crianças, com crianças que vinham especificamente para aquelas aulas, com tempo previsto para aquela atividade e que já se conheciam.

Na semana seguinte observei uma aula de artes visuais da professora Maria Eduarda, e essa proposta tinha uso de lápis, papel, livros e muitos outros recursos em que o letramento que eu conhecia aparecia de modo mais nítido. Depois das observações das aulas pude perceber quanto influenciam no processo de letramento das crianças, uma vez que impulsionam e desacomodam as crianças no máximo de suas competências de interpretação e de comunicação acerca do contexto da aula. A partir da aula de dança e da aula de artes visuais tentei entender como ocorria o letramento na vida daquelas crianças, percebendo que podemos sair do espaço escolar comum. Também ocorre aprendizagem em espaços com planejamento de ações livre, e não necessariamente com um planejamento que segue uma programação curricular. Percebi tais questões na maneira como as professoras trabalham, como as artes chamam a atenção das

crianças e são bem significativas as aprendizagens ali promovidas. O espaço pesquisado, o *Azul Anil*, é um lugar onde só as imagens dizem muito sobre o lugar, que é cheio de criatividade e vida. É um espaço com muitas artes acontecendo, arte pendurada nas paredes, arte exposta, arte nos detalhes da sede. Também possui um grupo de educadores que buscam criar um ambiente inovador e ao mesmo tempo acolhedor.

Observando as aulas pude perceber que o diálogo, as trocas e os desafios são constantes nas atividades, há um repertório artístico e cultural muito grande nas aulas que são de: artes visuais, circo, dança, teatro e música, além de outros desdobramentos dessas modalidades. O espaço oferece aulas para todas as idades, que vai desde os bebês até os adultos. As sócio-diretoras Maria Eduarda Rangel Vieira da Cunha e Fernanda Bertolcello Boff são professoras Licenciadas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul em artes e dança, respectivamente. Além da formação em artes, da atuação nesta área, “compartilham o fascínio pelas artes, partilham a curiosidade pelo universo infantil e todo o seu potencial criativo” (AZUL ANIL, 2015).

Azul Anil, verde bandeira, amarelo limão, cor de vinho, azul marinho, vermelho tomate, cor de laranja, amarelo ovo, cor de burro quando foge. Todas as cores aqui vivem, aqui se juntam, se misturam, se multiplicam. Formam manchas, contornos e formas. Saltam aos olhos, colorem o branco e se espalham pelos seis ambientes do ateliê. Para Maria Eduarda o ateliê tem vida mesmo quando todos já saíram. As produções dos alunos dividem espaço com objetos e móveis do acervo pessoal das sócias-diretoras, assim como trabalhos das mesmas quando crianças e já adultas. As paredes, portas e janelas ganharam cores, desenhos e colagens realizados pelos que frequentam o Azul Anil, desta forma, todo mundo se sente um pouco em casa porque todo mundo deixa um pouco de si aqui e leva consigo um pouco daqui. (AZUL ANIL, 2015).



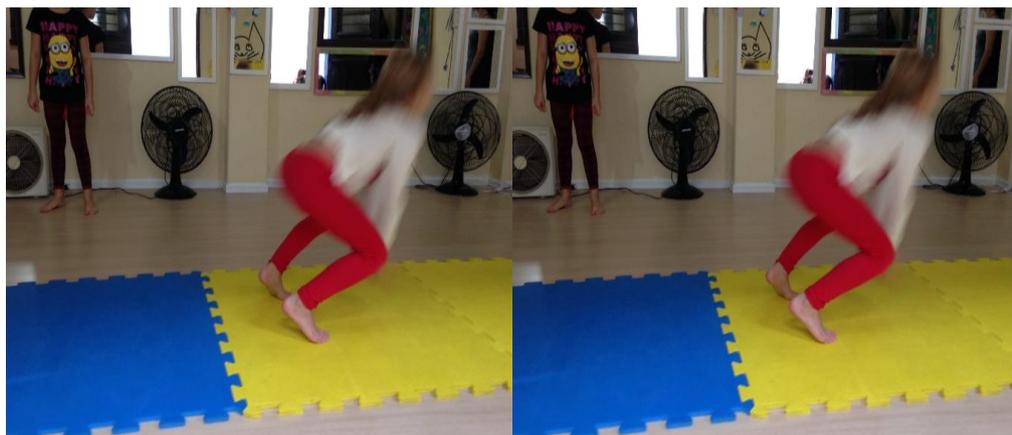
(Fotografia do acervo Azul Anil - <http://www.azulanil.org/>)

Fig. 4 e 5: Criança brincando e aula de dança

Uma outra observação que realizei foi da aula de artes circenses da professora Fernanda, é integrante do NECITRA, núcleo através do qual realiza seus principais trabalhos artísticos e também como professora. Seus estudos artísticos e na área da educação percorrem os campos da dança contemporânea, das artes circenses e da educação somática. É professora de dança e arte circense no Azul Anil Espaço de Arte, na Casa Cultural Tony Petzhold e na Escola Preparatória de Dança. A oficina de arte circense para crianças também já foi realizada em 16 escolas públicas de Porto Alegre, desde 2012, através do projeto "Educação para as Artes", em parceria com o Sesc/RS.

Fernanda também dá aula de dança para crianças em uma escola de rede privada. E dessa experiência comentou que há uma diferença entre as aulas no espaço escolar e no não escolar. Uma delas é como as crianças chegam na aula, no espaço não escolar chegam com empolgação para aquele encontro, com desejo de conversar com a professora. Segundo a professora o interesse das crianças muda, pois, no *Azul Anil* são bem mais interessadas, vão para a aula com mais vontade de fazer o que é proposto, se concentram mais. Já nas aulas do espaço escolar as crianças chegam agitadas e é preciso se fazer um longo trabalho de relaxamento, de resgate da atenção, de conversa, para acalmar as crianças antes e durante as atividades. As crianças já se conhecem da rotina escolar, estão em outros horários juntos, por isso, talvez, tem mais conversas e agitação entre eles, porém há bem mais entrosamento entre os alunos, conforme relata Fernanda.

Em sua aula Fernanda realiza atividades bem lúdicas, engraçadas em alguns momentos e de altíssima exploração do corpo e da alegria. Primeiro as crianças fazem o alongamento, para isso usam a imaginação para criação dos exercícios, utilizando nomes mais informais para cada exercício, produzindo imitações de animais, saltando, correndo, movimentando-se desordenadamente. Em seguida cada criança cria um movimento no tatame, a professora Fernanda pede que usem a criatividade de cada uma delas, individualmente, nomeando os gestos, depois os colegas imitam e criam outros movimentos e assim sucessivamente. Todos usam muito a oralidade na realização dos movimentos, a professora conversa o tempo todo com eles, com respeito, com escuta, com retorno, com afirmações, com carinho e muito afeto. As crianças conversam sobre assuntos variados, são espontâneas e se divertem muito.



(Fotografia do acervo Azul Anil - <http://www.azulanil.org/>)

Fig. 6: Dança circense

Outra atividade que quero narrar diz respeito ao tecido. As crianças fazem movimentos arrojados, aventuram-se, sobem no “pano”, todos ficam muito empolgados para a realização daquela parte da aula. Antes de subirem no tecido a professora Fernanda dá uma explicação de modo sério, pois é para se concentrarem. Ela alerta sobre a dedicação grande de cada uma para completar a ação de subir e suspensos no tecido se expressar. Mesmo parecendo fácil, não é, o exercício necessita de muita atenção e força. Dois de cada vez os alunos sobem em dois tecidos que estão pendurados, todos muito interessados, os que não sabem muito bem tentam aprender e são muito esforçados, perspicazes, dedicados.



(Fotografia do acervo da pesquisadora)

Fig. 7: Aula de dança circense

Outra professora que observei em aula foi a Maria Eduarda Rangel Vieira da Cunha, Sócio-diretora e fundadora do Azul Anil Espaço de Arte. Licenciada e laureada em artes visuais pela UFRGS, lecionou nas escolas Estaduais Dolores Alcaráz Caldas e Padre Balduino Rambo, bem como na escola Projeto. Participou da exposição fotográfica coletiva Panorâmica da exposição individual Azul Anil. É autora do livro "Vamos fazer arte com o Azul Anil?", juntamente com a sócia Alice Seibel Wapler, e do livro "O Navio e a Câmera Obscura", ambos direcionados ao público infantil. Ministrou cursos de formação de professores nas escolas Despertar e Infâncias, na Fundação Iberê Camargo, na FEEVALE, na UNIRRITER, na FACCAT e na UNISINOS. Dentre as palestras sobre arte e educação estão as realizadas para a UFRGS, para a rede de escolas do SESC e para a Primeira Jornada da Educação Infantil de Veranópolis, além da apresentação de seu artigo "A arte contemporânea na infância" no CIANTEC, congresso internacional de artes, novas tecnologias e comunicação.

Maria Eduarda é responsável pelo atelier infantil, é uma aula muito criativa, onde valoriza a criatividade das crianças e que gostei muito de observar. Quando cheguei para a observação as crianças estavam desenhando alguma profissão para que os colegas pudessem adivinhar. Depois, em duplas, receberam folhas grandes, dividiram em seis pares com o auxílio de régua e lápis, escreveram números de um a seis e escolheram objetos para serem colocados em cima dos

números. Cada dupla jogava o dado duas vezes, pegavam os objetos conforme os números que saíam ao cair o dado, em seguida tinham que fazer um desenho juntando esses objetos. Com o desenho pronto era preciso dar um nome, seria um tipo de mistura, um neologismo, uma invenção de nomes. Por exemplo, em uma dupla caiu na tartaruga e na panela, o nome do desenho ficou “tartapanela”.



(Fotografia do acervo da pesquisadora)

Fig. 8: Desenho realizado em aula de artes

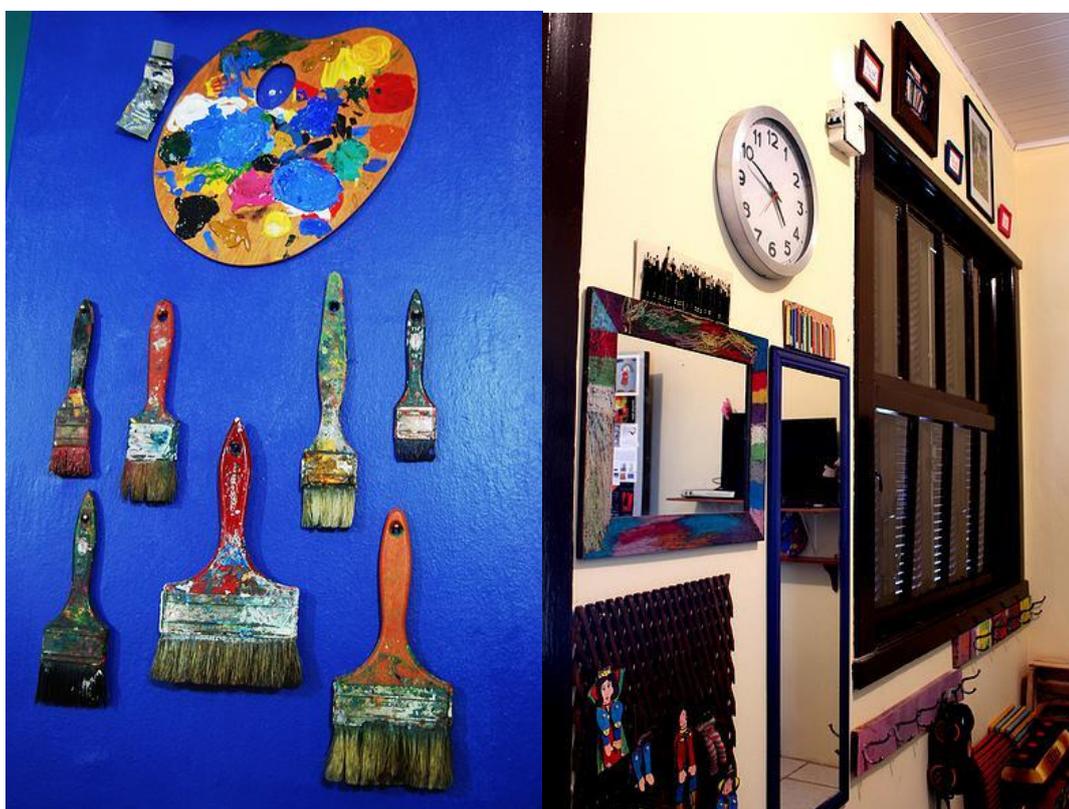
No segundo momento da aula a professora Maria Eduarda colocou três cartolinas grandes no chão, coladas, e sugeriu que as crianças se arrastassem como umas minhocas ao redor da cartolina e fossem riscando. Cada uma das crianças pegou uma cor de giz de cera diferente, ao fundo uma música tocando divertidíssima. Foi uma aula de muita diversão e risadas, uns rolavam, outros rastejavam, riscavam de cabeça para baixo, com a mão para cima, muitas maneiras foram criadas para a pintura. Se a criatividade existe, estava naquela cena produzida pelas crianças. Entre giros, riscos, risos, elas puderam experimentar diferentes movimentos e traços, e que são essenciais a uma criança letrada. E no final da atividade perceberam quantas formas saíram naquele trabalho, saiu uma obra de arte da turma! Ao mesmo tempo em que a aula era de grande agitação e empolgação, também teve um momento de deitarem-se no chão e poderem relaxar ao som de uma música tranquila.



(Fotografia do acervo da pesquisadora)

Fig. 9: Desenhando rastejando em aula de artes

A partir das observações pude perceber que vários elementos contribuem para o bom andamento das aulas e favorecem os letramentos, as experimentações, os aprendizados, que pode se dar ali, no espaço não escolar, e ser levado pelas crianças para o espaço escolar comum.



(Fotografia do acervo da pesquisadora)

Fig 10 e 11: Enfeites da Azul Anil

O espaço influencia nas artes, no letramento e no aprendizado das crianças? O espaço da escola é construído com objetos já utilizados, os enfeites são as produções das crianças, os objetos chamam atenção para a arte e traz a vontade de entrar nesse mundo artístico. Acredito que quanto mais à vontade estivermos num lugar, mais prazerosa será a realização das atividades propostas. Um ambiente acolhedor deixa a criança a vontade e é mais propício ao aprendizado. O *Azul Anil* valoriza todo tipo de arte, que vai desde o que as professoras sugerem até o que as crianças realizam usando sua criatividade.

Além do que aprendem nas aulas, também aprendem muito com aquele espaço, pois nele pode-se trabalhar a reutilização de materiais, são expostos objetos para diversos fins, como pincéis velhos como forma de decoração, vários espelhos pequenos e quadrinhos também serviram para decorar os ambientes. Além de ser um espaço muito criativo ele é bem organizado, sempre no final das aulas a organização é fundamental, com a ajuda das crianças cada coisa vai para o lugar.

Assim como a sala de aula da escola comum, é um lugar de aprendizado na *Azul Anil* também. Esse espaço onde a criança convive não é apenas físico, mas, é de relações, trocas, experiências. Essa combinação ou conjunto de obras que a sala comporta, pode proporcionar conforto, motivar, estimular a criação, tanto das crianças e como dos professores. Podemos nos referir a importância do ambiente, do espaço, da preparação da sala, da movimentação e organização da parte física, como influenciadoras da aprendizagem. Não considero que seja importante industrializados, materiais plásticos, caros, com design moderno, objetos projetados, mas, sim, preparação de um ambiente a ser explorado pela criança. O ambiente “é um todo indissociável de objetos, odores, formas, cores, sons e pessoas que habitam e se relacionam dentro de uma estrutura física determinada que contém tudo e que, ao mesmo tempo é contida por esses elementos que pulsam dentro dela como se tivessem vida”. (BARBOSA, 2008, p.48).



(Fotografia do acervo da pesquisadora)

Fig. 12: Dança circense

A dança, ou as artes circenses, parecem algo simples e a impressão inicial é de que apenas está sendo promovido e vivido um momento de divertimento. É importante destacar que a movimentação, o envolvimento do corpo, e a dança em si, envolvem muito aprendizado. Implícitos estão os aprendizados do corpo, da lateralidade, do equilíbrio, da concentração, da corporeidade, da psicomotricidade.



(Fotografia do acervo da pesquisadora)

Fig. 13: Aula de dança circense



(Fotografia do acervo da pesquisadora)

Fig. 14: Aula de dança circense

É conversando que a gente se entende? A Conversa é uma prática de grande relevância no processo de letramento. No *Azul Anil* a conversa é importante para abordar a criança no início de uma atividade, para estabelecer vínculo de confiança e amizade no grupo de crianças, para explicar e tirar dúvidas, para contar sobre as conclusões de cada um sobre o experimentado, bem como para criar combinações com as crianças antes de iniciar uma atividade de arte. A oralidade expressada pela conversação está em todas as aulas na *Azul Anil*. Os professores conversam com os alunos, os alunos com os professores e também as crianças entre elas. “Ao mesmo tempo que a experiência linguística da oralidade influencia a compreensão e o funcionamento da escrita, essa compreensão torna mais claro para as crianças o funcionamento da língua oral e a enriquece” (TERZI, 1995, p.114).

Vamos Jogar? Os jogos também fazem parte das aulas no *Azul Anil*. Os jogos são mobilizadores de aprendizagens, pois envolvem as crianças nas montagem ou resolução dos mesmos, para posteriormente criarem suas visualidades com desenhos ou outras artes. Com os jogos observei que as crianças puderam ter ideias, criar imagens, usá-los para a sua produção em artes. Os jogos nas aulas de artes proporcionam o desenvolvimento da criatividade, da invenção, do letramento, sendo um meio para a criança se expressar posteriormente, seja com a dança, o tecido, a pintura. A partir do jogo realizado na aula de artes da professora Maria Eduarda as crianças entraram em contato com a escrita dos números e de palavras, inventando desenhos,

criando nomes para os desenhos, não se fixando às figuras estruturadas e convencionais. Foram feitas figuras com duas cabeças e que tiveram seus nomes inventados, como neologismos.

O jogo é uma forma lúdica de se ensinar algo, brincar é importante na vida da criança e se adquire experiências, a criança tem necessidade de brincar, jogar para se orientar no espaço, para pensar, para compreender. O jogo possui um papel para o aluno que é de planejar pensar antes de agir, a criança sente-se desafiada e aprende a persistir; o papel do professor é propor uma análise da ação da criança, de desafiar, planejar estratégias de intervenção, observar e coordenar.

Planejar é importante! Outro ponto muito importante é o planejamento. Observou-se que mesmo sendo aulas ou ateliers com poucas crianças e em faixas etárias diferentes, planejar se torna importante para a aula ser de criação, invenção e aprendizados. Para que as crianças se integrem entre elas, para que estejam disponíveis para aprender conjuntamente, é preciso prever os passos da aula. Isso também torna-se relevante para que não haja fugas, dispersões, desinteresse, minimização dos objetivos da aula. O planejamento, com diferentes instrumentos, com jogos, com diferentes informações visuais, podem favorecer a aprendizagem das crianças, embora por alguns momentos elas possam ficar soltas, desatentas, aparentemente sem foco. As professoras que observei tinham clareza de quais as sequências das aulas, o que pode disparar conversa, o que pode disparar a atividade em si e o que pode construir o fechamento da aula de modo que se perceba o conjunto produzido pelos alunos.

## 5. Considerações...

Questionamentos, reflexões, perspectivas, incertezas, compõem este momento do meu TCC, pois trata-se de um estudo experimental, uma vez que iniciei essa pesquisa baseada nas artes neste último semestre do curso de pedagogia. Ao concluir esse trabalho sinto-me motivada a fazer as artes ainda mais presente na infância, e mostrar o quanto ela contribui artisticamente e culturalmente na vida de uma criança em espaços escolares comuns em que eu for atuar como pedagoga.

Ampliei minhas leituras neste trabalho, tanto sobre o letramento, que era meu ponto de interesse principal, quanto as leituras acerca das artes, uma das experiências que levarei para a minha vida profissional a partir de agora. Minha percepção sobre as artes antes de realizar esta pesquisa não passava do uso de algumas pinturas, com papel e tinta, com papel e caneta hidrocor, que se realiza nas escolas, e que são feitas pelas crianças exatamente da maneira como a professora solicita.

Algumas dúvidas me rodeavam e me inquietavam: dança, música, filme, audiovisual, fotografia, são formas de arte? Percebi que não são artes propriamente ditas, podemos, o modo de exploração, de criação e uso fazer com que seja arte sim. Para o professor cabe criar estratégias de ensino para que seja uma produção de arte o que promoverá como aprendizagem aos seus alunos. Também caberá ao professor conhecer sobras as múltiplas possibilidades das artes no letramento das crianças, especialmente experimentando nele próprio a dança, o teatro, a pintura, ou seja, usufruindo das artes em sua formação continuada. Arrisquei-me ao realizar um trabalho de pesquisa não muito comum, no começo não foi fácil, somente depois das observações e de muita pesquisa bibliográfica consegui enxergar que o letramento pode sim se dar de várias maneiras e a partir das artes.

O trabalho mostrou algumas hipóteses de como pode se dar o letramento das crianças a partir das artes. Buscou-se conversar com as professoras-artistas que atuam no espaço investigado, também contei com informações coletadas em ambientes virtuais (Site, Facebook, Google) que comportam materiais acerca do espaço escolar investigado. Do ponto de vista metodológico realizou-se uma pesquisa qualitativa, pesquisei sobre o assunto em livros, e fiz observações em aulas em escola comum onde as artes estão presente. Para apresentar a pesquisa em escritura organizou-se categorias de análises: espaço também fala; é dança; é arte, é aprendizado; é conversando que a gente se entende; vamos jogar; planejar é importante.

Vale destacar que as intervenções junto aos materiais coletados responderam a uma necessidade pedagógica, a vontade de entender e de fomentar a ideia de que as artes animam e influenciam o processo de letramento das crianças. Necessidade essa de buscar dispositivos pedagógicos que, para além da escola comum, produzem aprendizagens e letramento das crianças. Necessidade de mostrar que a escola comum pode se organizar como atelier de artes, letramentos e aprendizagens.

Para finalizar minhas conclusões li o texto “Currículo, Cadê a poesia?” (GAI, 2014), fez eu refletir sobre toda minha trajetória dentro da FAGED e sobre o currículo de Pedagogia, fazendo pensar no que as disciplinas proporcionaram para que minha formação como pedagoga, o curso fez interessar-me em buscar mais fontes de aprendizados na fase inicial da alfabetização, por ter poucas disciplinas com ênfase nos anos iniciais, uma pós-graduação me dará mais suporte para especializar-me em uma determinada área de interesse, no caso, o letramento.

## 6. Referências Bibliográficas

- AZUL ANIL. Disponível em: <http://www.azulanil.org/> Acesso em 23 de abril de 2015.
- BARBOSA, Maria Carmen Silveira e SANTOS, Maria Angélica (Org.). **Escritos de Alfabetização audiovisual**. Porto Alegre: Libretos, 2014.
- BARBOSA, Maria Carmem S.; HORN, Maria da Graça. Projetualidade em diferentes tempos: na escola e na sala de aula. In: \_\_\_\_\_. **Projetos pedagógicos na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- CUNHA, Suzana Rangel Vieira da. **As artes no universo infantil**. Porto Alegre: Mediação, 2012.
- CUNHA, Suzana Rangel Vieira da. **Qual o lugar dos materiais visuais na pesquisa em educação?** Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982015000100069&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982015000100069&script=sci_arttext). Acesso em junho de 2015.
- HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da cultura visual: proposta para uma nova narrativa educacional**. Porto Alegre: Mediação. 2007.
- GAI, Daniele Noal. Por uma artesanaria do pensamento em educação 1: tentemos pensar o déficit como potência? In: FERRAZ, Wagner (Org.). **Estudos do Corpo**. Indepin: Porto Alegre, 2013.
- GAI, Daniele Noal. **Didática do compartilhamento: fotografia, cinema e modos de fazer inclusão**. Disponível em: [http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq\\_pdf/1638-1.pdf](http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/1638-1.pdf). Acesso em junho de 2015.
- GAI, Daniele Noal. **Parafernalias II. Currículo Cadê a Poesia?** Disponível em: [http://issuu.com/indepininstituto/docs/parafernalias\\_ii\\_-\\_curriculo\\_cade\\_a/1](http://issuu.com/indepininstituto/docs/parafernalias_ii_-_curriculo_cade_a/1). Acesso em junho de 2015.
- KLEIMAN, Angela B. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a pratica social da escrita**. Campinas, São Paulo: Mercado de letras, 1995.
- LOPONTE, Luciana Gruppelli. Arte e metáforas contemporâneas para pensar infância e educação. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n37/10>. Acesso em: junho de 2015.

OLIVEIRA, S. **Texto visual, estereótipos de gênero e o livro didático de língua estrangeira**. Trabalho de Linguística Aplicada, Campinas, 2006.

SOARES, Magda. **Novas Práticas de Leitura e escrita**: letramento na cibercultura. Educação e Sociedade. Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, 2002.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2ed. Belo horizonte: autêntica, 2003. São Paulo: Contexto, 2003.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização**: as muitas facetas. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>. Acesso em maio de 2015.

TERZI, Sylvia Bueno. A oralidade e a construção de leitura por crianças de meios iletrados. In: KLEIMAN, Angela B. (org), **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995.

## 7. Apêndice

### Termo de consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado a participar da pesquisa que faz parte do trabalho de conclusão de curso de pedagogia da graduanda Mariana Fischer sobre a temática letramento e artes, sob orientação da professora Daniele Noal Gai, do departamento de estudos especializados, da Faculdade de Educação da UFRGS. Irei entrevistar e observar professores e alunos em aulas realizadas na Azul Anil. Assim, peço que leia este documento e esclareça dúvidas antes de consentir em participação.

**Objetivo do estudo:** Analisar como surge o letramento em crianças através de aulas artísticas realizada em espaços não escolares e se os professores estão propiciando momentos que surjam práticas de letramento.

**Procedimentos:** Os professores responderão perguntas sobre a importância das aulas para o conhecimento de mundo letrado pra as crianças. As crianças que queiram conversar comigo tentarei saber o que motiva elas a participarem das aulas e o que aprendem com as aulas e com os professores. Serão feitas anotações e registros fotográficos.

**Riscos e benefícios do estudo:** A participação no estudo não oferece riscos adicionais a sua saúde além dos que você está submetido quando responde a um questionário. Não há benefício direto na participação do estudo, mas a participação contribuirá para aprimorar meu trabalho de conclusão de curso (TCC) e contribuirá para uma pesquisa direta com a realidade.

**Confidencialidade:** As perguntas, respostas e observações realizadas farão parte do trabalho de conclusão de curso da pesquisadora.

**Voluntariedade:** A recusa do indivíduo em participar do estudo será respeitada, podendo a coleta ser interrompida a qualquer momento, a critério do indivíduo participante.

Qualquer dúvida pode entrar em contato no e-mail: maripoa10@yahoo.com.br

Assinatura do pesquisador

Assinatura do entrevistado

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Local e data das assinaturas: Porto Alegre, \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_.